

Baptista, A. M. (2003) – A fauna plistocénica na arte rupestre do Vale do Côa. *Tribuna da Natureza*, 13, Porto: FAPAS, p. 14-20

TRIBUNA DA NATUREZA

a vida selvagem nas quatro estações • ano 4 n.º 13 inverno 2003



A FAUNA PLISTOCÉNICA
DO VALE DO CÔA

TEIXO, O ANCIÃO DOS BOSQUES
O MOCHO QUE VEIO DO FRIO



FAUNA PLIS
na arte rupestre

1

Um dos aspectos que inicialmente gerou alguma polémica entre os observadores não «iniciados» da arte rupestre paleolítica do Vale do Côa foi o facto de não se encontrarem aqui figurados exemplares característicos de fauna fria. Este aspecto chegou mesmo a ser apontado em reportagens televisivas e na imprensa escrita como um dos factores determinantes para a atribuição de uma cronologia pós-glaciar à Arte do Côa, ao invés do que desde o início da polémica do Côa nós próprios sempre defendemos, estribados em argumentos arqueológicos de carácter estilístico, mas não só. De qualquer forma, a rija polémica de um ano (Novembro de 1994 - Novembro de 1995), muito centrada em aspectos cronológicos, que se selaria mediaticamente pela não construção da barragem e pelo anúncio da salvação da Arte do Côa, deixou as suas sequelas e não é raro encontrarmos ainda hoje na imprensa opiniões de encartados e/ou enfatiados colonistas e cartas de leitores que continuam a desconfiar da antiguidade plistocénica das gravuras de Foz Côa. Ora a fauna figurada nos paredões grauváquicos rasgados pelo Côa no seu curso final é na sua grande maioria inquestionavelmente paleolítica e, consequentemente, de idade plistocénica - o estudo e escavação da notável Rocha 1 do sítio do Farizeu selada por sedimentos com indústrias arqueológicas do Paleolítico superior, deveria ter arrumado definitivamente esta questão junto dos mais cépticos. Mas não é tipicamente fria, porque o clima do Plistocénico superior regional não era de tipo glaciar. E os artistas paleolíticos do Vale do Côa utilizaram como modelos de eleição alguns dos grandes mamíferos herbívoros e ruminantes que com eles partilhavam o território.

Entre as espécies de fauna fria extintas com o fim gradual dos tempos glaciários, bem conhecidas pelas reproduções da arte das grutas, mas ausentes nas gravuras que foram sendo descobertas no Côa, estavam desde logo o bisonte (*Bison priscus Bojanus*), bastante comum nas grutas franco-cantábricas, para além do mamute (*Mammonteus primigenius*) e do megaceros (*Megaceros giganteus*), ou ainda os rinocerontes lanudos (*Rhinoceros tichorhinus*) ou os grandes felídeos, como os leões das cavernas, embora estas espécies sejam das menos figuradas nas grutas e sejam atribuídas cronologicamente aos seus períodos mais antigos (Aurinhacense), aspectos reconfirmados pelos estudos recentes da gruta Chauvet. Estas espécies estão também ausentes nos registos paleontológicos dos sítios do Paleolítico superior do nosso território contemporâneos das gravuras do Côa.

Da mesma maneira que o homem, os diferentes animais evoluem de acordo com as mutações dos ecossistemas e as suas mais ou menos bem sucedidas características de adaptabilidade. Alguns extinguem-se mesmo e nem sempre por efeito único dos predadores naturais, mas por não adaptação às por vezes violentas alterações ecológicas. Será o caso por exemplo do mamute, cujos bem reconhecidos perfis foram muitas vezes representados em grutas, como por exemplo em Rouffignac, com muitas e belas dezenas de imagens deste grande proboscídeo. Terá sido talvez também o caso do megaceros, o veado gigante com uma armação que podia atingir os três metros de envergadura e de que se conhecem também algumas (poucas)

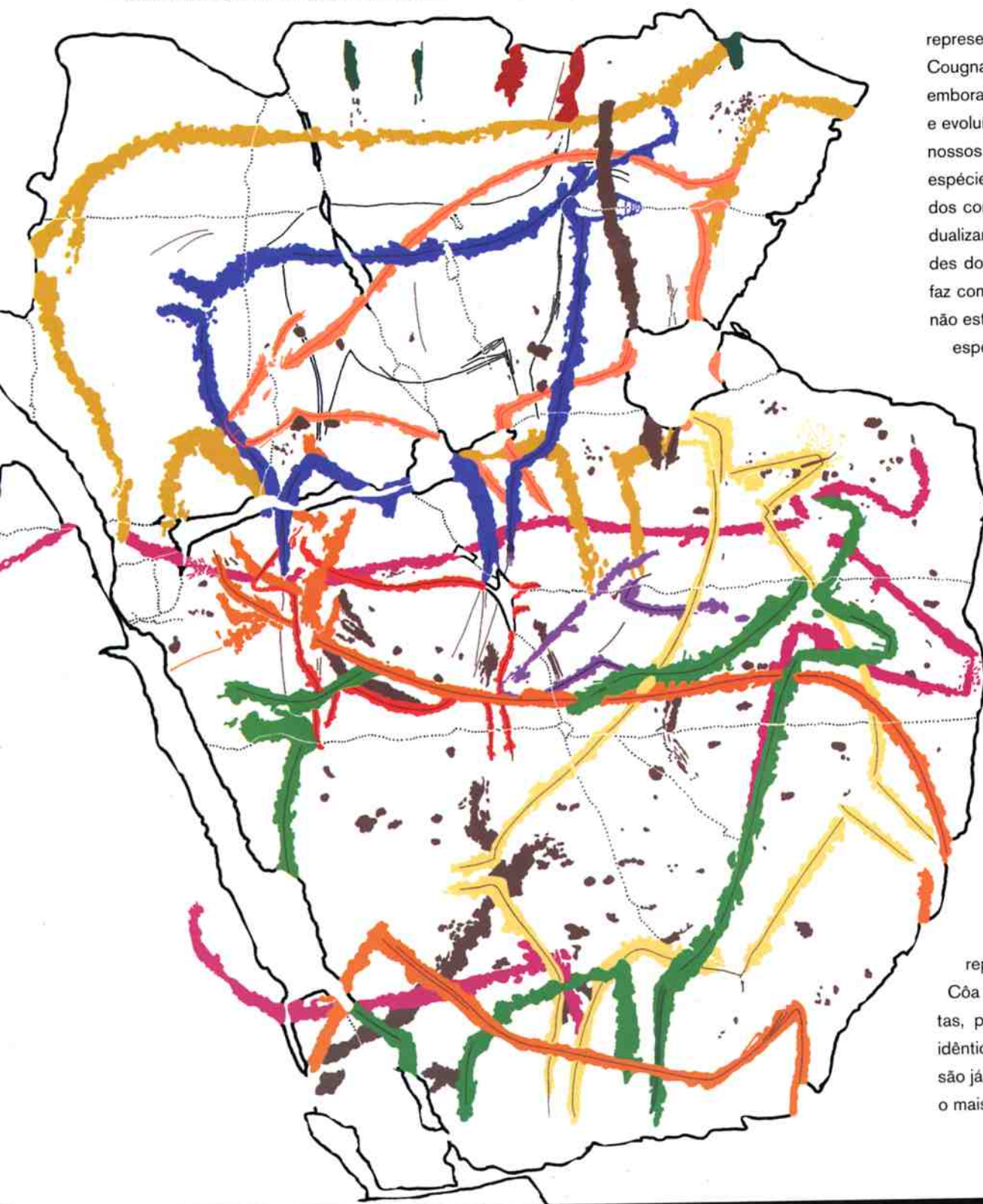
ESTUDO DA NATUREZA

STOCÉNICA

do Vale do Côa

TEXTO • António Martinho Baptista Director do Centro Nacional de Arte Rupestre cnart@mail.telepac.pt
FOTOGRAFIAS • Manuel Almeida © Centro Nacional de Arte Rupestre
DESENHOS • Fernando Barbosa © Centro Nacional de Arte Rupestre

↳ Desenho do sector central da Rocha 1 do Farizeu, com todas as representações de camurça até hoje identificadas no Vale do Côa



representações paleolíticas, como por exemplo em Cougnac e Pech-Merle. Já o bisonte plistocénico, embora desaparecido, poderá ter-se transformado e evoluído para espécies que sobreviveram até aos nossos dias. Com efeito, algumas destas e outras espécies, embora possam pertencer a antepassados comuns, ganham características que as individualizam de acordo com as diferentes variabilidades dos seus distintos habitats. Esta variabilidade faz com que, por vezes, os próprios paleontólogos não estejam de acordo nas suas classificações, em especial quando estas se processam apenas a

partir dos registos fósseis, matéria de estudo da arqueozologia.

No Vale do Côa não há infelizmente achados osteológicos nos diferentes habitats paleolíticos e terraços plistocénicos que por aqui têm sido descobertos e escavados, em particular devido às condições de acidez dos terrenos. Restam-nos, portanto, e já não é pouco, as imagens rupestres que figuram a fauna plistocénica regional da forma que os artistas paleolíticos a viram e estilizaram. E como obras artísticas obedecendo a convenções gráficas, a modos estilísticos, alguns muito típicos das diferentes sociedades de caçadores-recolectores, outros mais individualizados entre os artistas do Côa enquanto grupo regional no contexto mais geral da arte paleolítica da Europa Ocidental. Podemos, por isso, afirmar que as principais espécies representadas na arte paleolítica do Vale do Côa figuram, na sua generalidade, espécies extintas, pois embora algumas pertençam a géneros idênticos a alguns dos que conhecemos hoje, estes são já domesticados, excepto os cervídeos, de que o mais comum é o veado (*Cervus elaphus*).

↳ Painel central da Rocha 1 do Farizeu



↳ Cabeça de auroque da Rocha 1 do Farizeu



↳ Capríneos da Rocha 3 da Quinta da Barca



↳ Auroque da Rocha 24 da Ribeira de Piscos



2 Os trabalhos de sistematização no Vale do Côa que o Centro Nacional de Arte Rupestre empreendeu desde a sua criação, em 1997, permitem-nos hoje afirmar com bastante segurança que muito dificilmente aqui será descoberta alguma das espécies mais típicas de fauna fria, pela razão afinal tão linear quanto corriqueira de não terem aqueles animais habitado a região do Côa e do Douro superior, pelo menos durante o tempo longo do Paleolítico superior, onde o clima seria muito mais temperado do que na zona franco-cantábrica, onde se centra a maior aglomeração de grutas decoradas paleolíticas da Europa Ocidental.

Com efeito, no Côa, ainda hoje caracterizado pela presença de microclimas de tipo mediterrânico com grandes variações térmicas, a fauna presente ao longo do Paleolítico superior era típica de um clima temperado e foi essa que foi figurada nos aflorescimentos que ladeiam o rio.

Entretanto, praticamente toda a arte pliocénica do Côa é gravada, tendo alguma dela eventualmente sido também pintada, como o demonstram os restos de pintura a ocre em alguns auroques do abrigado sítio da Faia (Rocha 6). Mas as pinturas, por serem de ar livre, terão desaparecido quase integralmente. Este aspecto dificulta uma bem fundamentada identificação das espécies e sub-espécies de fauna representada. Desde logo estão ausentes algumas características taxonómicas fundamentais como sejam as pelagens e suas colorações. Mas, por outro lado, os artistas paleolíticos eram bastante precisos em determinados particularismos das suas figurações zoomórficas, com animais bem proporcionados e até facilmente identificáveis, o que levou a que, desde a descoberta da arte paleolítica na segunda metade do século XIX, esta fosse considerada uma arte essencialmente naturalista. Não será rigorosamente assim, pois a arte paleolítica é em primeiro lugar uma arte conceptual que releva mais do simbólico que do naturalista. E os animais gravados ou pintados obede-

cem a convenções e estereótipos que foram sendo sedimentados ao longo de milénios e que individualizam mesmo vários sub-grupos artísticos com características regionais bem identificadas. Assim, no Vale do Côa os animais são quase sempre figurados em perfil absoluto, com uma perna por par, mais raramente duas, quase nunca com cascos (uma das raras excepções está nos cavalos da Rocha 3 da Ribeira de Piscos), sempre isolados, como que pairando num espaço idealizado, e quase nunca integrados em manada. Entre as raras representações cénicas com dois ou mais animais claramente associados destacam-se o par de cavalos da Rocha 1 de Piscos (uma composição conceptualmente «moderna») e as sete cabras da Rocha 4 de Vale de Cabrões. Na sua generalidade as figuras são intencional e ritualmente sobrepostas, formando por vezes verdadeiros palimpsestos de muito difícil percepção, como na Rocha 1 da Quinta da Barca ou na notável Rocha 1 do Farizeu (Aubry e Baptista, 2000).

3 Pese embora todos os condicionalismos citados, é possível hoje caracterizar bem a fauna fóssil figurada no Vale do Côa distribuída por Equídeos, Bovídeos, Capríneos e Cervídeos. Há ainda bastantes animais incompletos e indeterminados mas que não deverão sair desta sistemática. A este bestiário somam-se alguns peixes, na sua generalidade de espécie indeterminada.

As gravuras do Côa figuram apenas espécies cinegéticas, quase todas de mamíferos de grande ou médio porte. O Vale do Côa, para além de ser encarado como um lugar de agregação dos artistas paleolíticos enquanto grande «santuário» de ar livre, devia também estar ligado a estratégias de predação muito específicas dos animais figurados.

Vejamos então mais em pormenor as principais características da fauna pliocénica do Côa:

EQUÍDEOS

Os equídeos (género *Equus*) e muito particularmente os cavalos (*Equus caballus*) são dos animais mais representados pelos artistas paleolíticos, quer em gruta, quer na arte de ar livre, como no Côa. Normalmente são animais que preferem os grandes espaços abertos, mas que se adaptam facilmente a condições ecológicas que não as de estepe ou pradaria. Daí a sua grande expansão por toda a Europa continental e provavelmente a sua grande presença em toda a área de expansão da arte paleolítica.

Os exemplares pliocénicos pintados ou gravados são bem reconhecíveis pelas suas características morfológicas. No Côa são figurados como animais possantes, mas normalmente curtos de pernas, com um porte pouco alteado. Não será difícil aparentar alguns dos cavalos do Côa ao *Equus caballus gallicus* que no Würm recente é a sub-espécie mais espalhada na Europa Ocidental (AUJOLAT in GRAPP, 1993:98), um animal não muito grande e robusto, com um talhe médio no garrote de 1,37 m. Ou até ao bem conhecido *Equus Przewalskii*, assinalado como o último cavalo descoberto em estado selvagem (no Altai, Ásia Central), e cuja cabeça pesada, comprida e maciça suportada por um pescoço largo com uma crina eriçada se poderia aparentar com alguns dos cavalos do Côa.

Tendo em atenção que os artistas do Côa privilegiaram quase seguramente a gravação de animais consumidos nas suas dietas, é natural que o cavalo tenha sido uma das espécies utilizadas na sua alimentação. A densidade estatística de cavalos gravados no Côa prova que durante o Paleolítico superior existia nesta região uma importante população de equídeos.

Embora haja quem defenda o início da domesticação do cavalo ainda no Paleolítico superior, não há entre as gravuras do Côa qualquer elemento que possa sustentar esta tese. Pelo contrário. Só na





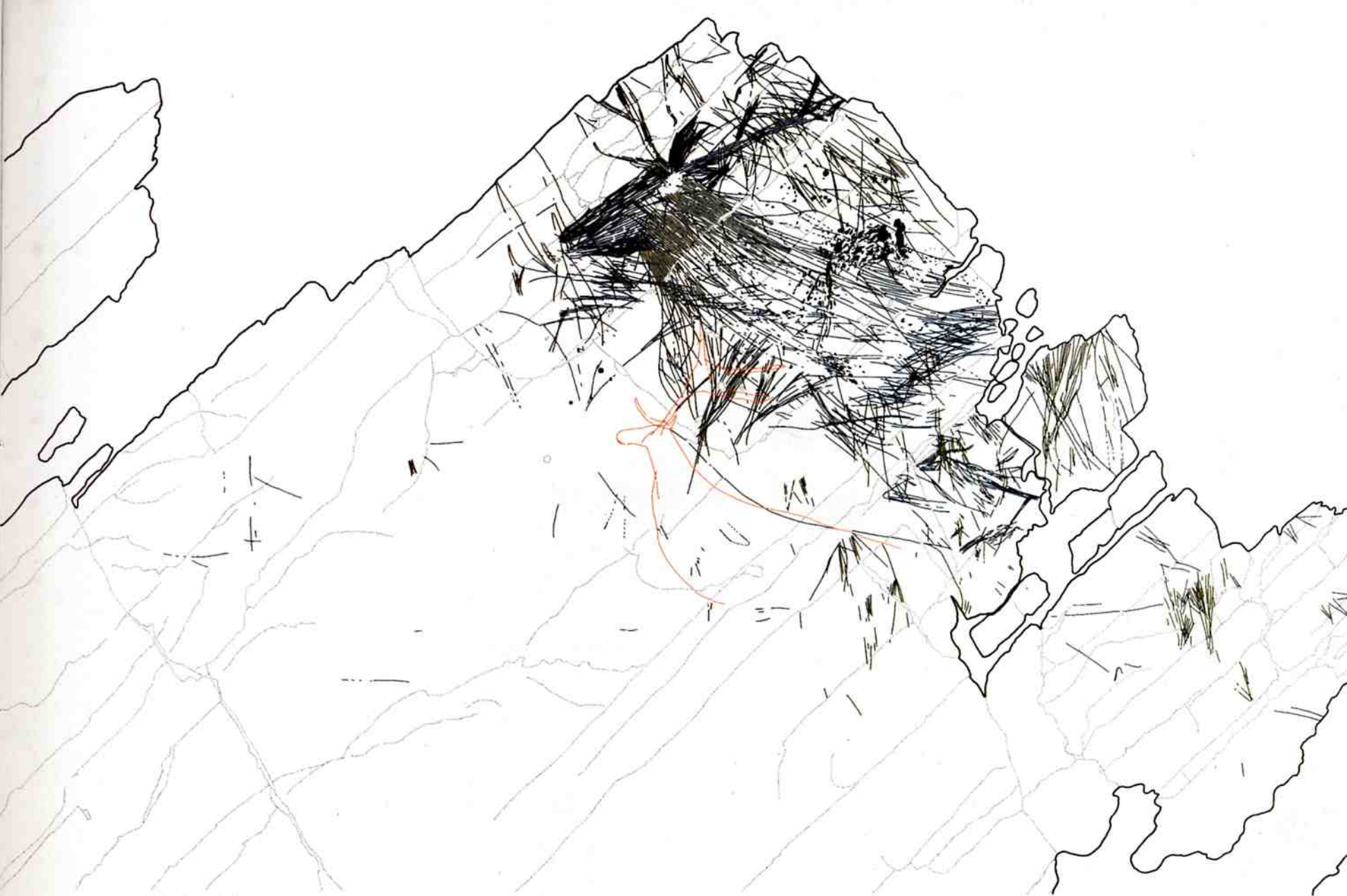
Idade do Ferro surgem cavalos domesticados nas gravuras do Vale do Côa e Douro superior. É o momento em que este animal se torna um precioso auxiliar do homem e a sua posse, ligada ao que podemos considerar o primeiro feudalismo ibérico, é mesmo um factor de prestígio. Muitos dos cavalos da Idade do Ferro estão montados por personagens armados. Não temos elementos para precisar quando se terá processado a domesticação do cavalo nesta região, ou se aqui terão chegado já domesticados quase seguramente durante a Idade do Bronze, pois o cavalo é um animal muito pouco figurado na arte rupestre da pré-história recente, pondo-se mesmo a hipótese da sua extinção regional após o fim dos tempos glaciares. Este aspecto é atestado em várias outras regiões da Europa (também na América, de onde são originários, se extinguiram no início do Holoceno) a partir do Mesolítico pela raridade dos restos osteológicos de cavalos selvagens por oposição aos últimos milénios glaciares. Sendo um animal de grandes espaços abertos, a sua adaptação ao intenso desenvolvimento do coberto florestal a partir do Magdalense final terá conduzido ao seu acantonamento em nichos ecológicos como as zonas de estepe da eurásia. Este factor terá sido mesmo mais determinante do que o simples reaquecimento climático holocénico, que não seria impeditivo da continuidade das grandes populações de equídeos. Mas permanece sem uma explicação decisiva esta rarefação do cavalo e a verdade é que este quase desaparece, não só da Península Ibérica, como de grande parte da Europa Ocidental, até ser de novo reintroduzido pelo menos a partir de finais do 3º milénio a.C., trazido talvez das estepes euro-asiáticas. Isto é demonstrado pela raridade dos seus restos, que quase desaparecem dos registos arqueológicos. Mas não se descarta a hipótese de terem permanecido no nosso território algumas populações residuais, como eventualmente na serra do Gerês (Baptista, 2000:19).

BOVÍDEOS

A espécie amplamente representada no Côa é o auroque (*Bos primigenius*), um antepassado dos actuais bois domésticos que sobreviveu ao fim dos tempos glaciares, tendo sido extinto em 1627 na floresta de Jaktorow na Polónia, momento em que se documentou o último exemplar vivo.

O auroque era um animal possante, com um corpo muito pesado e volumoso, podendo o macho ultrapassar os 3 metros de comprimento, por 2 no garrote. Os exemplares pliocénicos podiam atingir um peso muito superior aos seus descendentes actuais, indo até mais de 1 tonelada. Os cornos abriam em leque curvando para diante e, ao contrário dos dos veados, são permanentes.

Alguns dos mais imponentes auroques do Côa estão figurados quase em tamanho natural na Rocha 13 da Foz da Ribeira de Piscos. Mas alguns dos mais preciosos martelados por picotagem estão na Rocha 3 da Penascosa e na Rocha 1 do



▲ Rocha 20 da Canada do Inferno, na qual, para além de uma representação de *Cervus elaphus* em traço múltiplo inciso, se assinala a única figura de gamo até hoje identificado no vale do Côa (a vermelho)

Farizeu por entre complexas e densas sobreposições de motivos. Entre os gravados por incisão há no Côa algumas excelentes representações, como a figurada na Rocha 24 da Ribeira de Piscos, com o dorso recto bem típico dos auroques e com a rara particularidade de abandonar a técnica da representação em perfil absoluto e de nos oferecer um olhar frontal com as defesas rebaixadas. O seu corpo alongado e maciço figura um animal adulto de grande porte representado em atitude expectante, provavelmente uma fêmea de acordo com os padrões descritos mais acima. Compare-se com o também possante macho da Rocha 1 do Farizeu.

CAPRÍNEOS

Embora não haja ainda uma estatística exaustiva da fauna paleolítica, pode afirmar-se que as cabras são dos animais mais figurados. E a partir das características morfológicas dos exemplares que têm sido estudados, podemos afirmar que temos no Côa representações de pelo menos três sub-espécies antepassadas das actuais cabras: a Cabra-Montês-Ibérica (*Capra pyrenaica*); a Cabra-Montês dos Alpes (*Capra ibex*); e a Camurça (*Rupicapra rupicapra*).

A primeira é a mais representada e individualiza-se pelos longos cornos dos machos, alteados e torcidos para fora e para os lados. Por vezes as convenções do desenho paleolítico levam à representação dos cornos em perspectiva distorcida frontal quase em forma de taça, estando os corpos e

cabeças figurados em perfil absoluto, aspecto que também é seguido nas representações de veados, já que quanto aos auroques os convencionalismos podem ser diferentes.

Da segunda temos os belíssimos exemplares figurados na Rocha 3 da Quinta da Barca com três animais que podem considerar-se associados. O macho central é representado com duas cabeças em movimento animado, uma das características mais típicas dos artistas do Côa, que desta forma terão inventado uma forma primitiva de BD. Os cornos encurvados para trás e simétricos das duas cabeças são canelados com as características estrias transversais próprias desta espécie que, criativamente, o artista distribuiu também por todo o interior da linha cervico-dorsal e do ventre. A fêmea figurada na parte inferior apresenta um corpo menos possante e um corno muito mais fino e curto representado em perfil absoluto e sem barba, que está presente nas duas cabeças do macho.

Quanto à terceira, não há muitos exemplares no Côa, o que até certo ponto atestará a sua raridade durante os períodos de gravação. Com efeito, todas as representações de camurça, um animal mais típico de ambientes frios, até hoje bem identificadas no Côa estão no complexo palimpsesto da Rocha 1 do Farizeu. São quatro exemplares (e um quinto provável) bem caracterizados pelo característico perfil do corno, figurado para cima e para o alto da cabeça e curvado quase em semi-círculo nas pontas. Os corpos são também um pouco mais esguios que os restantes e abundantes capríneos do Côa.

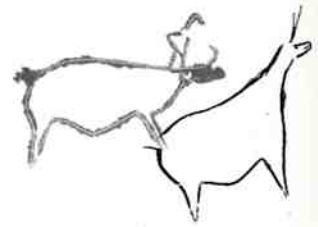
CERVÍDEOS

O animal mais representado é o veado (*Cervus elaphus*), bem individualizado pelas suas características armações. A maior parte dos veados gravados representam machos, caracterizados sazonalmente pela presença de armações que, como se sabe, mudam durante a primavera. Entre os *Cervidae*, só as renas têm armações em ambos os sexos, mas nenhuma foi identificada no Côa. Também não foi identificado nenhum Megaceros.

O veado é um animal mais típico dos períodos climáticos temperados e tem uma grande expansão na Europa, sobretudo durante o Würm. Sendo uma das espécies muito presente na arte paleolítica, ele será também o animal mais representado na arte holocénica, sendo seguramente uma das principais espécies cinegéticas desde o Paleolítico superior quase até aos nossos dias. Conhecido na Europa pelo menos desde o Mindel, pouco evoluiu até aos dias de hoje.

Os veados plistocénicos do Côa têm normalmente corpos elegantes mas vigorosos, pescoços espessos e possantes, cabeças curtas e angulosas suportando bem desenvolvidas armações sempre providas das duas defesas frontais. Entre a fauna figurada de mamíferos, são estatisticamente dos menos representados no Côa, o que está também de acordo com a repartição da temática na arte paleolítica da Europa Ocidental. Alguns dos veados de Lascaux são dos mais notáveis e conhecidos da arte paleolítica, mas o grande cervídeo «raspado» da Rocha 10 da Penascosa figura hoje já como um

† Capríneos da Rocha 3 da Quinta da Barca
▼ Camurças da Rocha 1 do Farizeu



dos mais emblemáticos da arte plistocénica ibérica.

Há também algumas fêmeas, bem individualizadas não só pela ausência de armação, mas também pelo perfil mais elegante e triangular da cabeça onde sobressai um par de orelhas alongadas e ovaladas, um pescoço menos espesso e um corpo menos possante que o dos machos. Quase todas as representações de cervas são animais figurados em traço múltiplo inciso que, para além de sugerir elementos da pelagem, é também característico de um estilo figurativo que pode situar-se cronologicamente entre o Solutrense recente e o Magdalenense antigo.

Entre os cervídeos foi ainda possível identificar uma até agora única representação de gamo (*Dama dama*) na Rocha 20 da Canada do Inferno, bem reconhecível pela armação espalmada e por uma cabeça mais fina e curta que as dos restantes veados. É uma representação incisa de macho, provavelmente desenhado no fim do Verão ou no Outono, quando as armações deste artiodáctilo atingem o seu maior porte. Da mesma maneira que no Côa, as representações de gamo são muito raras na arte paleolítica europeia. As poucas figurações conhecidas, como as de Addaura (Sicília) e de Combarelles (França), só são mesmo individualizadas pela característica morfologia espalmada da armação, como neste raro exemplar do Côa.

Para além desta fauna de mamíferos amplamente representada nas rochas do Côa, há, como se disse, algumas raras figurações de peixes, mas cuja distinção por espécies é de mais difícil caracterização.

BIBLIOGRAFIA:

- AUBRY, T.; BAPTISTA, A.M., 2000 – Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*, Hors-Série, N.º 4, Nov., p. 54-55.
- BALBÍN BEHRMANN, R. de; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J., 1994 – Arte paleolítica de la Meseta española. *Complutum*, 5, p. 87-138.
- BAPTISTA, A. M., 1999a – *No Tempo sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa, Ed. do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 186 p.
- BAPTISTA, A. M., 1999b – O ciclo artístico quaternário do Vale do Côa. Com algumas considerações de método sobre estilos, valorização estética e crono-estratigrafia figurativa. *Arkeos, Perspectivas em diálogo*. Tomar, 6 (II), p. 197-277.
- BAPTISTA, A.M., 2000 – O cavalo (*Equus caballus*) na arte rupestre portuguesa. *Os Milénios do Garrano*. Ed. da Associação dos Criadores de Equinos de Raça Garrana, Vieira do Minho, p. 16-19.
- BAPTISTA, A. M.; GARCÍA DIEZ, M., 2002 – L'Art paléolithique dans la Vallée du Côa (Portugal): la symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image* (Direction de D. Sacchi). Actes, Carcassonne, p. 187-205.
- CLOTTE, Jean, 1989 – The identification of human and animal figures in European Palaeolithic art. *Animals into Art* (Howard Morphy, Ed.), *One World Archaeology*, N.º 7, Unwin Hyman, London, p. 21-56.
- DELPORTE, Henri, 1990 – *L'Image des Animaux dans l'Art Préhistorique*. Paris, Picard, 255 p.
- GRUPE DE RÉFLEXION SUR LES MÉTHODES D'ÉTUDE DE L'ART PARIÉTAL PALÉOLITHIQUE, 1993 – *L'Art pariétal Paléolithique: Techniques et Méthodes d'Étude*. Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, Paris, Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche, 427 p.
- GUÉRIN, Claude et PATOU-MATHIS, Marylène (sous la direction de) 1996 – *Les grands mammifères Plio-Pleistocènes d'Europe*. Ed. Masson, Paris, 291 p.
- MACDONALD, David & BARRETT, Priscilla, 1999 – *Mamíferos de Portugal e Europa*. Guias FAPAS, Porto, 315 p.
- ZILHÃO, J., 1995 – The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of «scientific» dating to historic or proto-historic times. *Antiquity*, 69, p. 883-901.